

OS COM:  
eAngolanaENÇO  
ública  
2019

PR VISITOU SETE PROVÍNCIAS EM 2019

# Um novo estilo de governação

Entre Janeiro e Dezembro de 2019, o Presidente da República esteve nas províncias do Namibe, Cunene, Huíla, Zaire, Moxico, Bié e Cuanza-Sul, sempre acompanhado por uma larga equipa ministerial



Miguel Gomes

João Lourenço afastou-se de uma das marcas da governação do ex-Presidente José Eduardo dos Santos: as visitas oficiais às províncias fora de Luanda tornaram-se corriqueiras. Foram sete em doze meses. E passou pelo menos uma noite em todas elas, ao mesmo tempo que realizou actos oficiais fora das sedes provinciais. Mas para alterar o modelo de governação local devem ser implementadas as autarquias.

Entre Janeiro e Dezembro de 2019, o Presidente da

República esteve nas províncias do Namibe, Cunene, Huíla, Zaire, Moxico, Bié e Cuanza-Sul, sempre acompanhado por uma larga equipa ministerial. E no último mês do ano aproveitou para realizar o mesmo tipo de trabalho de campo na província de Luanda.

Quase todas as visitas provinciais tiveram a mesma agenda ou mantiveram uma linha comum: realizaram-se conselhos de austerização e governação e foram inauguradas diversas obras ligadas a serviços básicos de saúde ou educação.

Estes dois sectores, a par do desemprego e das condições económicas, concentraram a maioria das preocupações e reclamações dos cidadãos e da sociedade civil.

Também a mobilidade e a falta de um serviço público fiável e eficiente de transportes foi assinalado em diversos encontros com a população. No Cuito, província do Bié, foram inaugurados sistemas de distribuição de água. No Cazombo, município do Alto Zambeze, província do Moxico, foi lançada a fase

DOMBELE BERNARDO | EDIÇÕES NOVEMBRO



Jornalista Suzana Mendes

de execução do Programa Integrado de Intervenção

Municipal (PIIM). Já no Namibe e Cunene, o foco principal foi a seca e o plano para minimizar os estragos provocados pela falta de água.

## “Toda a diferença”

Suzana Mendes, jornalista e fundadora do Fórum de Mulheres Jornalistas para a Igualdade de Género (FMJIG), acredita que este tipo de actuação “faz toda a diferença”.

“É importante que o Presidente da República conheça a realidade de perto e possa estar junto dos cidadãos”, disse a antiga edi-

tora-chefe do Angolense.

As mudanças também colocaram a qualidade da governação local na agenda política do país. Neste momento, os governadores são nomeados pelo Presidente da República e são, na realidade, directos representantes do poder executivo nas províncias.

A ligação de responsabilidade política com os governadores é ténue, o que contribui para a concentração de poder à volta da figura presidencial e à volta da província de Luanda.

Talvez seja por isso que antes da chegada de João Lourenço às localidades os serviços públicos esmeram-se em pintar ruas, escolas e edifícios públicos, tapar buracos e recolher lixo - acções que deveriam ser concretizadas diariamente ou periodicamente, no âmbito da manutenção das infra-estruturas públicas.

A concretização das autarquias poderá contribuir para alterar esta realidade, já que passarão a existir Câmaras Municipais com líderes eleitos e que, por isso mesmo, respondem directamente ao cidadão-eleitor.

Suzana Mendes defende que a implementação das autarquias vai ser “o ponto de viragem” na governação local, com os necessários processos de desconcentração de poder a provocar mudanças ao nível da gestão do país.

“Acredito que os cidadãos terão a oportunidade de exigir mais dos servidores públicos. É uma necessidade urgente, até porque, ao nível dos municípios, há muitas carências. Continuamos a verificar um grande desnível entre as cidades e o meio rural”, destacou a jornalista.

Independentemente das autarquias, Suzana Mendes também defende que o Presidente da República “deve ir mais além”, tomar medidas para conhecer melhor as zonas rurais e perceber o contexto em toda a plenitude.

## JUSTIÇA

### Ex-ministro Augusto Tomás entre os condenados de peso

Fonseca Bengui

A Justiça esteve em destaque, em 2019, com o julgamento de vários gestores. Um dos mais mediáticos foi o do ex-ministro dos Transportes, Augusto da Silva Tomás, no que ficou conhecido como “caso CNC” (Conselho Nacional de Carregadores).

O julgamento, que decorreu na Câmara Criminal do Tribunal Supremo, entre Maio e Agosto, foi conduzido pelo actual presidente desta instituição, Joel Leonardo.

Acusado de seis crimes, Augusto Tomás acabaria por ser condenado a 14 anos de prisão, apenas pelos crimes de peculato, violação às normas de execução do Plano e Orçamento e abuso de poder, sendo absolvido dos demais. O plenário do Tribunal Supremo, ao julgar em segunda instância, reduziu a pena para oito anos e quatro meses.

Exonerado do cargo de ministro dos Transportes, em Junho de 2018, Augusto Tomás foi detido em Setembro do mesmo ano, depois de ser interrogado pela Pro-

curadoria-Geral da República, por indícios da prática de vários crimes na gestão do CNC, instituto público tutelado pelo Ministério dos Transportes.

O processo envolvia, também, quatro ex-gestores do CNC. A antiga directora adjunta para a área Financeira, Isabel Bragança, condenada inicialmente a 12 anos de prisão, viu a pena reduzida para seis anos e dois meses, na segunda instância.

O antigo director-geral, Manuel António Paulo, condenado a 10 anos de prisão, na Câmara Criminal, teve a pena reduzida para cinco anos e dois meses.

O antigo director adjunto para a área Técnica, Rui Manuel Moita, também condenado inicialmente a 10 anos de prisão, vai cumprir apenas cinco anos e dois meses. Eurico Silva foi condenado a dois anos de prisão, com pena suspensa.

No período entre 2008 e 2017, Augusto Tomás e os gestores do CNC, sendo um deles, Agostinho Francisco Itombo, director geral entre 2008 e 2015, actualmente em parte incerta, desviaram, através de vários esquemas, milhares de

milhões de kwanzas, dólares e euros do Estado para benefício próprio.

### Um general no banco dos réus

Quem também foi parar ao banco dos réus é o ex-chefe do Serviço de Inteligência Militar (SISM), general António José Maria, que acabou condenado, pelo Supremo Tribunal Militar, a três anos de prisão maior, pela prática do crime de extravio de documentos que contém informação de carácter militar, previsto e punível pela Lei dos Crimes Militares.

O réu, que começou a ser julgado em Setembro, foi absolvido do crime de insubordinação de que foi pronunciado e julgado e aguarda a decisão do recurso em casa, onde cumpre a medida de coacção de prisão domiciliar, desde Junho.

António José Maria retirou das instalações do SISM, após ser exonerado, em Novembro de 2017, documentos relacionados com a Batalha do Cuito Cuanavale, alegando que os mesmos tinham sido adquiridos por ele e não pela secreta militar. O referido acervo custou ao Serviço de Inteligência e Segurança Militar, que o general Zé Maria dirigia desde 2009, dois milhões, quatrocentos e oitenta e seis mil, quatrocentos e setenta e oito dólares.



### Zenu dos Santos e ex-governador do BNA sentados no banco dos réus

Outro julgamento mediático, que marcou o ano, é o do antigo presidente do Fundo Soberano, José Filomeno dos Santos “Zenu”, filho do ex-Presidente da República, José Eduardo dos Santos, e do ex-governador do Banco Nacional, Valter Filipe, que decorre na Câmara Criminal do Tribunal Supremo, ainda sem decisão.

Zenu está a ser julgado por crimes de burla por defraudação, branqueamento de capitais e tráfico de influência, num processo em que são, também, arguidos o empresário e amigo de Zenu, Jorge Gaudens Pontes Sebastião, que responde pelos mesmos crimes, e António Samalia Bule Manuel, ex-director do Departamento de Gestão de Reservas do BNA. Este, juntamente com o ex-governador, são acusados e pronunciados nos crimes de burla por defraudação, branqueamento de capitais e peculato.

Aos arguidos imputa-se a transferirem, ilegalmente, de 500 milhões de dólares do BNA, para uma conta no Crédit Suisse de Londres, Inglaterra. A transferência era uma espécie de pagamento avançado para uma empresa criada pelos envolvidos, a fim de montar uma operação de financiamento para Angola, no valor de 30 mil milhões de dólares.

O plano assentava na constituição de um suposto Fundo de Investimento Estratégico e na utilização da empresa Mais Financial Services, S.A. como instrumento de actuação.

A defesa de Valter Filipe arrolou ao processo o ex-Presidente da República, José Eduardo dos Santos, como declarante, a quem o Tribunal remeteu um questionário. O ex-governador do BNA alega que a transferência foi autorizada pelo então Titular do Poder Executivo.



KINDALA MANUEL | EDIÇÕES NOVENBRO

NO CUNENE

# Sistema para mitigar a seca é uma das grandes conquistas

Muitos são os eventos que marcaram o país na área social, entre os quais a resposta à seca que assolou o Sul. Os artigos são da Angop

O início, em Novembro, da construção do sistema de transferência de água do Rio Cunene, a partir da localidade de Cafu até Shana, para mitigar os efeitos da seca, é um dos acontecimentos marcantes em 2019.

A obra, com duração de 18 meses, abarca a construção de uma central de captação de água no Rio Cunene,

do sistema de bombagem e da conduta a partir de Cafu até Cuamato.

Também vai dispor de uma estação de bombagem de dois mil metros cúbicos de água por segundo, uma conduta de 57 quilómetros e 30 chimpacas (reservatório tradicional de água nas zonas rurais para o gado). O projecto criou 330 empregos.

O empreendimento conta com financiamento de 200 milhões de dólares e foi aprovado pelo Executivo em Abril de 2019. Inclui a construção das barragens de Caculuve e do Ndúe, igualmente na província do Cunene.

A seca severa no Cunene, desde Outubro de 2018, afectou este ano 880.172 mil pessoas e um milhão de cabeças

de gado, causando a morte de 30 mil animais, entre bovinos, caprinos e suínos.

Fenómeno cíclico, que remonta a 1995, a seca fez deslocar ao Cunene o Presidente da República, João Lourenço, com o propósito de constatar os efeitos nefastos sobre a população, constituindo outro facto de realce no ano que termina.

## Abraço solidário aos vizinhos congolezes

A exemplo de 2017, quando foram acolhidos, na Lunda-Norte, 35 mil congolezes fugidos da violência extrema dos conflitos etno-políticos no seu país, Angola voltou a fazê-lo em 2019, prestando toda solidariedade aos seus vizinhos.

Até Julho de 2019, havia mais 23 mil refugiados em solo angolano à espera pelo retorno à RDC, com garantias do ACNUR para o fazer em Setembro. Mas na madrugada do dia 18 de Agosto, uma decisão inesperada contrariou o programa de repatriamento voluntário e mudou a rotina no Campo de Refugiados do Lóvu.

Dezoito mil e 800 refugiados de-

cidiram, unilateralmente, abandonar o Centro do Lóvu e caminhar, sem qualquer meio automóvel e outras condições logísticas, até a fronteira do Tchicolondo, cerca de 200 quilómetros, para regressar ao seu país.

Mais uma vez, Angola teve que reagir, levando ao terreno uma delegação ministerial, encabeçada pelo seu ministro da Defesa, Salviano Cerqueira, para demover-los da intenção de marchar.

A delegação reuniu-se com as autoridades da Lunda-Norte e com responsáveis do ACNUR e, em conjunto, traçaram um plano de emergência, face à irredutível decisão

dos refugiados. Em tempo recorde, o Governo angolano mobilizou meios materiais indispensáveis para apoiar o retorno dos refugiados.

Sem apoios das organizações não-governamentais, Angola conseguiu em dois meses realizar o sonho de milhares de homens, mulheres e crianças de regressar para refazerem a vida na sua própria pátria. A acção e o tempo utilizado fizeram manchete em cadeias noticiosas no país e no mundo, motivando a deslocação do coordenador residente da Organização das Nações Unidas (ONU) em Angola, Paolo Balladelli, para enaltecer este gesto, se calhar o único em África, nos últimos dois anos.

BENJAMIM CÂNDIDO | EDIÇÕES NOVENBRO



O país conseguiu realizar o sonho de muitos refugiados congolezes de regressar à sua pátria e refazer a vida

## Nascer Livre para Brilhar

O lançamento da campanha "Nascer Livre para Brilhar", a fim de eliminar a transmissão do VIH de mãe para filho, a Expo-Moxico e a recova de mineiro da República Democrática do Congo ao Luau destacaram-se das actividades de 2019.

A campanha, lançada pela primeira-dama da República, Ana Dias Lourenço, surgiu do facto de Angola ter a taxa de infecção de mãe para filho mais alta da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC).

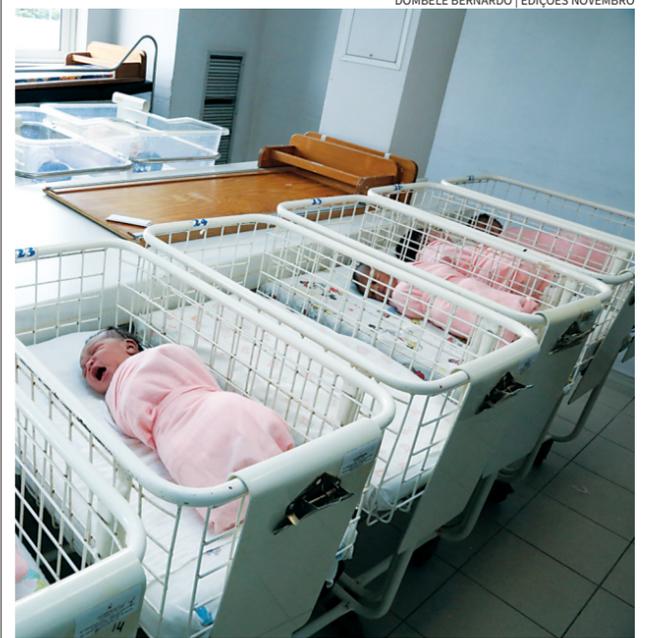
Só em 2017, aproximadamente 21 mil mulheres

grávidas foram registadas com o VIH, de acordo com dados do Instituto Nacional de Luta contra a Sida (INLS), que indica a existência de mais 310 mil pessoas a viver com esta infecção no país.

A agravar a situação, deste número apenas metade sabe que tem a doença. Estima-se que nascer no país cinco mil e 500 crianças com a patologia e 28 mil novas infecções de sida são registadas, com 13 mil mortos por ano.

A intenção desta campanha é, até 2022, reduzir para metade a taxa de transmissão do VIH de mãe para filho no país.

DOMBELE BERNARDO | EDIÇÕES NOVENBRO



## As mais-valias que são os centros de hemodiálises

KINDALA MANUEL | EDIÇÕES NOVENBRO



O Estado poupa mais de metade dos 15 mil milhões de Kwanzas gastos, anualmente, em pacientes com insuficiência renal, com a criação de centros públicos de hemodiálise, afirmou recentemente, a ministra da Saúde, Sílvia Lutukuta.

Antes da abertura dos quatro centros da Huíla, Moxico e dos hospitais Pediátrico e Geral de Luanda, o Estado gastava cerca de 15 mil milhões de Kwanzas por ano, o equivalente a dez por cento do Orçamento Geral do Estado (OGE), destinados à Saúde, para o tratamento de 1.628 pacientes.

Segundo a ministra, a criação de centros públicos para o tratamento de doenças renais é um grande ganho para a Saúde e vem atender doentes com necessidades de diálises em tempo regular e com a frequência necessária.

Em perspectiva, disse, está a construção de mais

dois ou três Centros de Hemodiálises a nível nacional, bem como o aumento de competências técnicas dos profissionais, a fim de permitir o diagnóstico precoce, para se evitar que os pacientes cheguem aos serviços de atendimento em situação renal crónica e irreversível.

A governante considerou, entretanto, insuficientes os 20 médicos nefrologistas existentes no país, esperando que cada centro de hemodiálises tenha pelo menos um especialista.

A ministra da Saúde informou estar em vista a criação de um Centro Nacional de Transplantes, que vai contar com as experiências de Portugal, Brasil e África do Sul.

O centro de hemodiálise inaugurado recentemente, tem capacidade para atender 90 pacientes por dia, com insuficiência renal, em três turnos.

**ACONTECIMENTOS MAIS RELEVANTES DA VIDA ECONÓMICA EM 2019**

# Introdução do IVA e privatizações influenciam a solvência da Nação

Crescimento significativo das receitas ligadas aos impostos sobre o consumo e o desengajamento do Estado das actividades produtivas, passando empresas e participações para o sector privado, definem o início de um ciclo virtuoso na economia nacional



Cristóvão Neto

**A introdução** do Imposto sobre o Valor Acrescentado (IVA), em Outubro, afigura-se como uma das decisões mais transcendentais da política económica aplicada em 2019, de tal forma, que acaba por responder à pergunta sobre que tipo de país e de organização social se projecta para Angola.

A expectativa gerada pela previsão de um crescimento significativo das receitas associadas aos impostos sobre o consumo decorrente da introdução do IVA e do Imposto Especial de Consumo (IEC) está representada no Orçamento Geral do Estado para 2020 como parte da aspiração do Estado de transformar Angola numa nação solvente.

É esta última noção que dá expressão orçamental à provisão de bens e serviços públicos (água, electricidade, saneamento, saúde, educação e estradas) requerido para a elevação da nossa condição comum de cidadania: um marco definidor.

Mas ganhos obtidos de uma tal noção também se colocam ao nível da credibilidade necessária para atrair o capital privado, com o qual o Executivo estabeleceu uma aliança para a edificação de um sector produtivo diversificado e competitivo.

Os números, compilados por especialistas, dizem que o OGE para 2020, o primeiro adoptado depois da introdução do IVA, prevê uma arrecadação global de receitas não petrolíferas de cerca de 712.300

milhões de kwanzas, influenciada pelo aumento da taxa de IVA quando comparada com as taxas de Imposto de Consumo (IC), bem como pelo alargamento da base tributária do IVA diante do IC.

A receita orçamentada do IVA e do IEC para 2020 é superior em 154 por cento à obtida com o IC em 2018 (o último ano em que vigorou em pleno), representando um flagrante aumento de 432.400 milhões de kwanzas, de acordo com as mesmas compilações.

Estes números podem explicar a persistência com que o Governo tratou a questão da introdução do IVA, a qual pode ter subjacente a sedutora perspectiva da redução da dependência do Orçamento das receitas do petróleo, recurso finito e de preço volátil a choques externos.

Inicialmente prevista para Janeiro e depois para Julho, a taxa, de 14 por cento, começou a ser aplicada a 1 de Outubro, quando o IC, de 10 por cento e ineficiente do ponto de vista económico, foi removido do sistema tributário.

Introduzido sob um regime transitório, o IVA absorve novas adesões em Janeiro de 2021, elevando o potencial de arrecadação fiscal e os níveis de solvência do Tesouro Nacional.

Durante este mês de Dezembro, a Administração Geral Tributária (AGT) cumpriu o preceituado no Código do IVA, entregando os primeiros reembolsos, avaliados

em 878 milhões de kwanzas, às empresas que pagaram o imposto ao longo da cadeia de valor.

A lei prevê um prazo de 90 dias para a habilitação ao reembolso, o que as empresas consideram excessivo, por poder gerar dificuldades de tesouraria, mas a AGT considera que o período é inferior ao de 12 meses vigente na maior parte dos países que cobram o IVA.

**A vez das privatizações**

O Governo anunciou, em Agosto, o Programa de Privatizações (Propriv), com o qual o Estado passa para o sector privado capital integral ou participações em 195 empresas, 80 das quais ainda em 2019, quando inicia o processo que se estende até 2022.

O cronograma prevê a privatização de outras 81 empresas em 2020, de 12 em 2021 e das restantes quatro em 2022, o ano para o qual está programada a alienação parcial do capital da Sonangol, por dispersão bolsista.

Trinta e duas são consideradas “empresas de referência”, contando-se entre elas o capital integral ou parcial no BCI, ENSA, BAI, Bódiva, Banco Económico, Banco Caixa Geral Angola, Sociedade de Desenvolvimento da ZEE, Aldeia Nova, Biocom, Textang II, SATEC, África Têxtil, Nova Ciman-gola, Secil do Lobito, Cuca, EKA, Ngola, Mota Engil Angola, MSTelcom, Net One, Unitel, Sonangalp, Endiama, Sonair, TAAG, SGA (Enana) e Angola Telecom.

O conceito mais geral do Propriv consiste no afastamento do Estado da produção de bens e serviços, para evitar a dependência do sector petrolífero como base na dinamização da economia pelo sector privado e na poupança de receitas para financiar os programas públicos, de acordo com as declarações dos representantes institucionais que defendem o programa.

Outros aspectos conceptuais defendidos pelo Governo são a transparência na condução do programa, para não abrir caminho à migração das práticas de monopólio dominantes na economia, do sector público para o privado. O processo também trata com delicadeza a questão da manutenção do emprego, sempre que for possível.

Um relatório divulgado em Dezembro pelo Observatório Político-Social de Angola (OPSA) e da Acção para o Desenvolvimento Rural e Ambiente (ADRA), consagrado ao Orçamento Geral do Estado de 2020, destaca a redução da dotação para o sector económico em 28,8 por cento, algo que atribui parcialmente ao Propriv.

O sector económico absorve 278,5 mil milhões de kwanzas, correspondentes a 11 por cento da despesa fiscal, o que o documento considera estar assente no Plano de Desenvolvimento Nacional que tem, entre as premissas, a diminuição da intervenção do Estado na economia, dando maior protagonismo ao sector privado.

**BENEFÍCIOS**

## Liberalização leva à convergência do câmbio

**Em Outubro**, o kwanza depreciou-se em 16 por cento face ao dólar, no auge de um processo de desvalorização que levou a moeda angolana a acumular perdas de 31 por cento face às duas principais divisas internacionais (dólar e euro) de Janeiro até àquela altura.

Quando, a 24 daquele mesmo mês, o governador do Banco Nacional de Angola (BNA), José de Lima Massano, anunciou a liberalização do câmbio, atribuiu as acentuadas perdas do kwanza a um cenário em que havia “uma procura superior à oferta”, sem que houvesse um elemento a regular essa relação, o que acabou por conduzir a um aquecimento do mercado informal de câmbios.

A situação, acrescentou José de Lima Massano, criou “espaço para que operações legítimas sejam realizadas em canais informais” e para a formação de um mercado cambial alternativo absolutamente especulativo, gerando distorções no funcionamento da economia.

Peritos da unidade de análise económica da revista britânica “The Economist” escreveram, depois, que o rastilho da erosão do kwanza tinha-se dado em Setembro, quando o BNA retirou o limite de 2,00 por cento na formação da taxa de câmbio.

“A retirada do limite de 2,00 por cento, que terá acontecido no princípio de Setembro, foi o gatilho provável para a repentina depreciação do kwanza, e não um aumento da procura de importações nas vésperas do Natal nem uma falta de dólares devido ao combate às actividades criminosas”, escreveram os peritos da Economist Intelligence Unit (EIU).

No terceiro dia útil posterior à liberalização do câmbio, anunciada a 24 de Outubro, os bancos comerciais compraram, em leilão de divisas, 138 milhões de euros de uma colocação de 150 milhões, numa primeira indicação da tendência confirmada semanas depois, das dificuldades do mercado cobrir a oferta de divisas no mercado primário.

Os bancos começaram a oferecer taxas de câmbio inferiores à base de licitação proposta pelo BNA, ao mesmo tempo que o mercado paralelo revela incapacidade de oferecer mais kwanzas pelas duas divisas, numa nova evidência de que se está diante de uma tendência de estabilização do mercado cambial.

A 10 de Dezembro, pouco mais de um mês depois da liberalização do câmbio, o *Jornal de Angola* noticiou que o diferencial entre as taxas dos mercados secundário (casas de câmbio) e do mercado informal era, no dia anterior, de apenas 8,37 por cento para o dólar e 4,28 por cento para o euro.

Esses números compararam-se com os do início da reforma, em Janeiro de 2018, quando o diferencial cambial para o dólar entre as casas de câmbio e o mercado informal situava-se em 61,1 por cento.

Um ano depois, em Janeiro do ano em curso, a diferença diminuiu para 15,5 por cento, até situar-se em pouco mais de 8,00 por cento nos primeiros 45 dias posteriores à liberalização do câmbio. Relativamente ao euro, no início do ano de 2019, o diferencial era de praticamente 15 por cento, caindo, no começo de Dezembro, para algo mais de 4,00 por cento.

Os peritos do FMI que em Novembro estiveram em Angola para a segunda revisão do Programa de Financiamento Alargado (EFF, sigla inglesa) escreveram um relatório, publicado a 20 de Dezembro, em que consideram que a flexibilização da taxa de câmbio deverá ter efeitos benéficos na eficácia dos instrumentos de política monetária.

Os benefícios, apontaram, recaem sobre “as operações em mercado aberto, necessárias para reforçar a âncora nominal, reduzir o risco de distorção da intermediação financeira, facilitar a acumulação de reservas, apoiar a competitividade externa e a diversificação económica, bem como encurtar a diferença entre a taxa oficial e a paralela.



EDICÕES NOVEMBRO

ANO DE 2019 MARGADO AINDA POR DOENÇAS E CATÁSTROFES NATURAIS

# África, um continente sempre abalado por conflitos

O recrudescimento das acções armadas em alguns países da região Ocidental de África, nos últimos meses, chama a atenção para o aumento do extremismo no continente, onde especialistas estimam já haver dezenas de milhares de guerrilheiros ligados a grupos com origem no Médio Oriente



António Canepa

**Em África**, os apelos continuam a apontar para o fim dos conflitos armados, da violência inter-étnica; para o fortalecimento das instituições governamentais, a boa governação e criação de condições para a consolidação da democracia, feitos pela comunidade internacional em defesa das comunidades. O fim do terror, fome, pobreza e do desemprego foram, igualmente, dos maiores desafios dos Governos africanos no ano que agora finda. O recrudescimento das acções armadas em alguns países da região Ocidental de África, nos últimos meses, chama a aten-

ção para o aumento do extremismo no continente, onde especialistas estimam já haver dezenas de milhares de guerrilheiros ligados a grupos com origem no Médio Oriente. A luta contra o "terrorismo" no Sahel, a guerra no Nordeste da República Democrática do Congo, aliada ao combate da epidemia do ébola, a violência, causada por ataques de grupos armados no Norte e Centro de Moçambique, a situação da seca e catástrofes naturais no Corno de África, destacaram-se entre os acontecimentos que marcaram o continente no ano findo.

Apesar de os rumos da história indicarem para a mudança dos sistemas ex-

clusivistas imperantes durante algum tempo e os antigos métodos de governação se revelarem ineficazes e caducos, com tendência para a estabilização política, económica e social, persistem, ainda muitos dos problemas de há décadas, que colocam as lideranças perante os mesmos desafios.

Na região do G5 do Sahel (Burkina Faso, Chade, Mali, Mauritânia e Níger) assistiu-se, quase diariamente, a mortes de cidadãos inocentes, perda de bens, destruição de infra-estruturas, com rasto de extrema pobreza entre as populações e a fragilização de quase todo tecido económico, social e humano. Além do terror,

provocado por grupos extremistas armados com ligações ao Daesh (Estado Islâmico) e à al-Qaeda, a região continuou igualmente assolada pela violência de origem étnico-religiosa, alimentada pelos elevados índices de pobreza, seca e outros fenómenos naturais que provocaram também a fuga massiva de pessoas, incluindo jovens, para países vizinhos, à procura de segurança e oportunidades para o seu futuro.

## Guerra na Líbia

Muito preocupante continua a ser a guerra que eclodiu na Líbia, em Abril deste ano, entre as forças militares do marechal Khalifa Haftar, con-

siderado o homem forte do país, e o Exército do Governo de União Nacional, estabelecido na capital, Trípoli, e reconhecido pela comunidade internacional, que até aos últimos dias já provocou milhares de mortes e centenas de milhares de deslocados.

A guerra está a desestruturar praticamente o país, deixando a Líbia numa situação de vulnerabilidade. Durante este período, multiplicaram-se os grupos radicais islâmicos, muitos dos quais de origem ou com ligação a Al-Qaeda, que, influenciados pelos acontecimentos no Médio Oriente, procuram agudizar o caos, saquear as riquezas e implantar um Estado que sirva os seus interesses.

## DRAMA

### Acidente em Moçambique

Ao longo do ano o mundo acompanhou um dos piores dramas vividos no continente, causados pela passagem dos ciclones Idai e Kenneth na região Austral de África, cujas consequências continuam a atingir as populações do Centro e Norte de Moçambique e parte do Zimbábue e Malawi. Milhares de cidadãos nesses países ficaram sem haveres e muitas infra-estruturas económicas ficaram destruídas.

Revelam estudos que o país banhado pelo Índico foi atingido por nove ciclones tropicais, nos últimos cem anos, mas os últimos foram tão devastadores que a sua passagem mobilizou a comunidade internacional, com destaque para países da região.

O ciclone Idai, que além de Moçambique, atingiu os vizinhos Zimbábue e Malawi, provocou cerca de 600 mortes. Foi o mais dramático. Os fenómenos destruíram também os campos de cultivo, deixando o país na situação de penúria, cujos efeitos continuam a se fazer sentir nas comunidades.

No Corno de África, cerca de 15 milhões de pessoas estão ameaçadas pela seca, no Quênia, Etiópia e Somália.



## Mais seca e outros males Corno de África precisa de mais investimentos

Na região Central e no Corno de África, além dos conflitos, as populações sofrem também com as consequências da seca constante e calamidades naturais, que provocaram a fuga de milhares de pessoas à procura de regiões com melhores condições para a agricultura e criação de gado, as principais actividades de subsistência.

Diariamente, milhares de pessoas movimentam-se de um lado para o outro, inclusive de um país para o outro ou até mesmo para fora do continente, principalmente para Europa,

em busca de condições e perspectivas para o futuro.

Muitas vezes, a fuga é feita em condições precárias e de extremo risco. Como foi noticiado ao longo do ano, muitas pessoas, entre mulheres e crianças, fizeram-se ao Mar Mediterrâneo, tendo centenas delas perdido a vida. O fenómeno é associado também à falta de vontade política dos dirigentes africanos, que são acusados de quase nada ou pouco fazerem para melhorar a vida dos cidadãos nos respectivos países. Por isso, especialistas defendem mais

investimentos, que permitem criar outros níveis e melhores condições no continente.

A região Austral, apesar da estabilidade em termos de conflitos armados, enfrenta o fenómeno da seca, que, segundo dados disponíveis, ameaça mais de 45 milhões de pessoas. A Zâmbia e o Zimbábue são tidos como os mais críticos, embora o Botswana, Lesoto e Namíbia estejam seriamente atingidos e procurem melhores formas para mitigar as consequências, enquanto esperam que a situação melhore, com aumento das chuvas. O fenómeno deixou um défice de cerca de mais de nove milhões de toneladas de cereais, incluindo em países habitualmente considerados grandes produtores, como a África do Sul, segundo os especialistas.

## República Democrática do Congo Luta contra o ébola continua

O ano ficou, igualmente, marcado pelo aumento de mortes pelo vírus do ébola no Leste da vizinha República Democrática do Congo (RDC), que, além disso, é atingido por um conflito armado que dura décadas, no Nordeste. Sem contar com situações contabilizadas de contágio, que acabaram em cura, estima-se que mais de três mil casos foram notificados nos últimos meses e cerca de duas mil pessoas morreram, vítimas da doença, desde o surgimento do vírus, em Agosto do ano passado. A situação é pior nas zonas rurais e as autoridades congoleesas, em parceria com as organiza-

ções sanitárias internacionais e a OMS, consideram que a epidemia só pode ser vencida com o fim da instabilidade militar que se vive nas regiões mais afectadas, instalada há vários anos por grupos armados alguns deles formados nos países vizinhos que procuram desestabilizar o Governo de Kinshasa.

A eliminação da epidemia é, neste caso, um outro desafio enorme para as autoridades locais e instituições sanitárias internacionais, uma vez que novos casos se têm registado, quase todas as semanas, nos últimos meses. A situação, que mobilizou a comunidade internacional, foi acompanhada, no

princípio, com campanhas de sensibilização, sobretudo no meio rural, onde reside cerca de 85 por cento da população. Mas o recrudescimento do conflito armado está a dificultar estas acções, levando à suspensão da vacinação e de campanhas de sensibilização.

Observadores consideram que o surto, o segundo mais mortífero na história, é apenas ultrapassado pela epidemia que entre 2014 e 2016 atingiu a África Ocidental e que matou mais de 11.300 pessoas. A RDC foi palco de dez epidemias de ébola desde 1976, segundo dados disponíveis até hoje.

Liceu Vieira Dias, Yannick Afroman, Latedjou, Don Sebas, Wigroove...

# Nomes e momentos que elevaram a cultura em 2019

O **xadrez da cultura** conheceu mudanças no seu cadeirão máximo, quando o Presidente da República, João Lourenço, tirou o leme da Cultura, em Junho, a Carolina Cerqueira e entregou-o a Maria da Piedade de Jesus. Arqueóloga de grande sensibilidade para os assuntos do património, de

Maria da Piedade ainda se espera “acutilância”, nesta matéria onde o semba foi indigitado velocista, na corrida ao Património Imaterial da Humanidade. Na mesma esteira alinha-se a indicação de Aguinaldo Cristóvão para secretário de Estado da Cultura. Uma entrada no Executivo amplamente

aplaudida. Em Março, o acontecimento de vulto, que, por isso mesmo, mereceu referência foi a participação de Ndaka Yo Wiñi no Festival Internacional de Jazz de Cape Town, na África do Sul.

Matadi Makola



## MÚSICA

Patrícia Faria chega “De Caxexe” e Português vai até à “Alma”

Este foi o ano dos festejos do centenário de Liceu Vieira Dias, considerado o “pai da moderna música angolana”, acolhido em Maio no Centro de Estudos da Universidade Católica de Angola. Corria o mês de Abril, quando Puto Português vendeu, na Praça da Independência, a sua “Alma”, o quarto álbum da carreira. Em Setembro, na Casa Rede, Maria-Grácia Latedjou conseguiu ser “Língua Livre”, o seu segundo disco, com o qual seguiu para Alemanha.

Na praça da Independência, isto em Outubro, Patrícia Faria quebrou o jejum de dez anos, ao chegar “De Caxexe”, com o seu mais recente trabalho discográfico. Anunciado para Novembro, Totó ST cumpriu a promessa e lançou “Nga Sakidila”. De Portugal, chegaram relatos a confirmar que o vídeo “Teu Olhar”,

de Matias Damásio, foi o quinto mais visto por aquelas bandas.

No rescaldo de estrelas que vieram a Angola, conta-se a dupla Beto Dias e Suzana Lubrano, a gambiana Sona Jobarteh, que mostrou, num espectáculo aclamado, as virtuosidades da sua kora e, já bem na recta final, Lokua Kanza partilhou o palco com Dodó Miranda, na Tenda Aurora Lopes. Onze anos após a sua morte, Teta Lando, figura de proa da música angolana, tem o seu génio reconhecido, ao ser premiado, a título póstumo, com o Prémio Nacional de Cultura e Artes, na disciplina de Música.

Organizativamente, saúda-se a União Nacional dos Artistas e Compositores (UNAC-SA), que ... já tem direcção...



## Artes Plásticas

Don Sebas na “... Geografia de Afectos”

Aberta ao público a 8 de Outubro, no Centro Cultural Português de Luanda – Camões, Don Sebas Cassule investiu toda a sua pincelada em “Memórias de Viagens e Geografia de Afectos”. Dias depois, viu-se em maré de afectos com as felicitações pelo Prémio Nacional de Cultura e Artes, na disciplina de Artes Plásticas.

Eduardo Vuela estreia-se, em Agosto, com “Transformismo”, na Galeria da Escom. Entretanto, foi igualmente um ano especial para o escultor Mpambukidi Lufindi, que comemorou as “bodas de ouro” da carreira, com a exposição “Espírito de União”, apresentada, em Agosto, no Centro Cultural Camões.

## YANNICK E O “BAKONGO”

### O ano do rap

Colocados os acontecimentos no balaio, quer se aceite, quer não, este foi decisivamente o ano do hip hop, uma “kultura” que vem somando adeptos e assumindo notoriedade desde os anos 1990. Novidade a mais para muitos que se assumem “conservadores” e ainda longe dos carinhos oficiais da agenda do Ministério, o hip hop foi, neste ano de 2019, um grande palco de realizações, com realce para a primeira edição do internacional Luanda Hip Hop Fest. Ainda em Outubro, o rapper alemão Musa e a DJ Sarah Shakir realizaram um concerto, na rua 12 de Julho, no Sambizanga, no âmbito da digressão da dupla por África. Dito ao nosso modo, o rap afastou todos os preconceitos de aceitação que o inibiam e foi feliz. Depois de várias tentativas de tomada do galardão de “o mais querido do ano”, Yannick invocou toda a força “bakongo” para garantir que o título do Top dos Mais Queridos não lhe escapasse, sendo a primeira vez para um artista de rap. Yannick já teve “praticamente” este prémio ao seu alcance, tendo se contentado com o segundo lugar, nas edições 2009 e 2014.



## Literatura

O prémio mais importante para Agualusa

Para este ano, o grande acontecimento das letras foi a nomeação, há muito merecida, de José Eduardo Agualusa, como Prémio Nacional de Cultura e Artes, na disciplina de Literatura. Esta grande pena das letras angolanas classificou o momento como sendo “um tempo novo de pacificação no país”.

Ainda em Novembro, Fragata de Morais ressurge na pele de “O Senhor das Águas” e Luís

Kandjimbo propõe, em ensaio, “Alumbu - O Cãnone Endógeno no Campo Literário Angolano - Para Hermenêutico Cultural”.

Antes, em Setembro, João Tala visiona “Além da Noite”, com duas novelas curtas. Para fechar com chave de ouro, Mendonça sai do “Reino das Casuarinas” a pensar “Se os Ministros Morassem no Muceque”, em reedição reformulada, apresentada ao público no dia 19 de Dezembro.

## Cinema

Um pouco “Para lá dos Meus Passos”

Ao **Cineasta** Dorivaldo Cortez, pela produção e realização de obras, com destaque para o filme “Falso Perfil”, recaiu o Prémio Nacional de Cultura e Artes, na disciplina de Cinema e Áudio Visual. Entre as produções independentes, destaca-se “Para Lá dos Meus Passos”, um documentário da produtora Geração 80, realização de Kamy Lara e Paula Agostinho.

Em Novembro, registe-se a estreia nacional do documentário “Kalunga, o Mar de Angola”, de Bernardo Gramaxo. Um produto caro, o cineasta Jorge Cohen reiterou, numa ocasião oportuna, que as críticas ao cinema angolano devem ser ponderadas, porque “alguns chegam a comparar um filme nacional com produções de grandes estúdios dos Estados Unidos”.

## DANÇA

Dupla Wigroove é campeã africana



Dada como o “parente pobre” dentro da agenda cultural, fazendo o possível e o necessário para “se movimentar”, a dança não pára de dar o ar da sua graça, num ano em que o hip-hop se destacou. Foi em Setembro que um número de dez bailarinos, com o patrocínio da Red Bull Angola, deslocou-se

à África do Sul, para o Intercontinental Global Dance Supreme, o mais importante festival do estilo em África.

Nas batalhas, a dupla angolana Wigroove foi a campeã africana, na categoria de Popping, enquanto Grove e Monster conseguiram o terceiro lugar na categoria Estilo Aberto.

DOMÍNIO NO CONTINENTE

# Futebol com muletas dá prenda à Nação

Seleção Nacional junta conquista do Campeonato Africano à vitória no Campeonato do Mundo disputado no ano passado

Amândio Clemente

A vitória da seleção Nacional de futebol com muletas no Campeonato Africano da especialidade, disputado na cidade de Benguela, em Setembro, foi sem sombra de dúvida, um dos acontecimentos desportivos do ano e veio colocar a "cereja em cima do bolo", depois da conquista do Campeonato do Mundo no ano anterior, disputado no México, num ano que a Seleção Nacional de andebol sénior masculino conquistou, pela primeira vez uma competição continental.

O feito do combinado nacional de futebol com muletas ganha particular importância, pelo facto de ser conquistado por uma geração de desportistas, jogadores, técnicos, oficiais e a direcção do Comité Paralímpico Angolano que, cada um à sua maneira e com os recursos que tinham em mão, demonstraram capacidade de superação, foco nos objectivos, organização e, acima de tudo, muita ambição.

A vontade de vencer, do grupo liderado em campo pelo técnico Augusto Baptista "Cheto", começou a ser demonstrada logo na

primeira participação num Campeonato Africano, disputado em 2008 na Libéria, onde ocupou o lugar mais baixo do pódio, o que motivou-o a perseguir outros patamares, alcançado na edição de 2013, que decorreu no Quênia, com a conquista da medalha de prata. No palmarés da Seleção Nacional consta a disputa de Campeonatos do Mundo, onde em 2013 foi vice-campeã, para na edição seguinte em 2018 conseguir pela primeira inscrever o nome de Angola na lista dos vencedores.

Para o presidente do Comité Paralímpico Angolano, Leonel da Rocha Pinto, as conquistas dos futebolistas com muletas "é uma grande prenda que os atletas dão à Nação Angolana, até porque muitos deles são vítimas das minas, outros foram militares. Creio que esta conquista vem no momento certo", disse na ocasião.

O dirigente considerou também que as consagrações no Mundial e no Africano, "solidifica o espaço" do desporto adaptado como referência nos círculos desportivos angolanos.



SANTOS PEDRO | EDIÇÕES NOVEMBRO

VITÓRIA NOS JOGOS AFRICANOS

## Guerreiros de ouro

Digna de destaque igualmente o triunfo da Seleção Nacional sénior masculina de andebol que, neste ano conquistou um título continental no género. Depois de duas tentativas falhadas nos Jogos Africanos, os Guerreiros, comandados pelo técnico angolano Filipe Cruz, conseguiram transpor a barreira da medalha de prata, superando os "papões" do Egipto, com quem tinham perdido as finais dos jogos de Maputo'2011 (Moçambique) e de Brazzaville'2015 (Congo).

Depois de nas últimas edições dos Campeonatos Africanos da categoria terem ocupado com regularidade o último lugar do pódio, Filipe Cruz e pupilos romperam a barreira do terceiro lugar e pularam para a consagração,

apesar de terem feito uma preparação sem contarem com o apoio e os recursos necessários para uma empreitada de tamanha envergadura.

Mas, a geração de andebolistas liderada pelo treinador Filipe Cruz soube contornar as dificuldades, ficou focada apenas no objectivo de alcançar a meta: ganhar a medalha de ouro nos Jogos Africanos deste ano.

Tal como era previsível, a seleção feminina voltou a vencer a competição, vencendo a hegemonia no continente. Para as Pérolas o torneio dos Jogos Africanos serviu para a equipa ganhar rodagem para o Campeonato do Mundo, que terminou recentemente em Yarmamoto, Japão, onde ocuparam a 15ª posição.

DOMBELE BERNARDO | EDIÇÕES NOVEMBRO



PARTICIPAÇÃO BRILHANTE

## Mundial Sub-17

Feito digno de registo foi a qualificação inédita da seleção Nacional para a fase final do Campeonato do Mundo Sub-17 de Futebol, onde os jogadores angolanos mostraram o perfume do seu futebol, logrando ultrapassar a barreira da fase preliminar da competição, onde além de jogarem de forma vistosa competiram de igual com seleções mais cotadas e experientes nestas

andanças, acabando por terminar a participação nos oitavos-de-final, onde foram derrotados pelos anfitriões, que se sagraram campeões mundiais. Foi a terceira participação do país num Campeonato do Mundo de futebol, depois da presença da seleção Sub-20, na Argentina em 2001 e dos Palancas Negras na edição da copa disputada na Alemanha, em 2006.

FRANCISCO BERNARDO | EDIÇÕES NOVEMBRO

JOVENS EXIBEM QUALIDADE MUNDO FORA

## Jiu-Jitsu dourado

O Jiu-jitsu, na versão brasileira, é uma modalidade que aos poucos está a ganhar expansão no país e é cada vez maior o número de academias e praticantes em todo o país. Neste ano que finda, trouxe muitas alegrias para o país com a conquistas de várias medalhas de ouro, em competições de nível planetário.

Na XI edição do Campeonato do Mundo de Jiu-Jitsu Profissional, decorrido em Abu Dhabi, Emirados Árabes Unidos, de 22 a 30 de Abril, a seleção nacional arrebatou quatro medalhas de ouro, conquistada por Kiriana Neto, sete

anos, -27 kg e faixa amarela, Yura Ataíde, classe infanto-juvenil, -48 kg, faixa laranja, Rafael de Jesus, 48 kg, infanto-juvenil, faixa laranja, e Cristian Chaves, -56 kg, infanto-juvenil, faixa laranja.

Kiriana Neto venceu na final a brasileira Maria Mascarenhas, Yura Ataíde derrotou a australiana Just Legasp, Rafael de Jesus bateu na meia-final o russo Danil Kolomitsev e na final o australiano Benjamin.

A saga dourada deste desporto de combate continuou no mês de Junho, quando o atleta Ivan Laranjo, 18 anos e portador de

Síndrome de Down, obteve a medalha de ouro na primeira edição do campeonato brasileiro de jiu-jitsu paradesportivo. Em Agosto, Kiriana Neto voltou a subir ao lugar mais alto do pódio, no torneio internacional NAGA West Coast Grappling Tournament, em Las Vegas, Estados Unidos da América, ao derrotar na final a campeã europeia Evolet Elise, da Dinamarca.

Destaque também para a medalha de ouro conquistada por Igor de Carvalho, no Mundial de fisiculturismo, realizado em Luanda, no mês de Agosto.

